

**A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA POR MEIO DE ATIVIDADES
LÚDICAS.**

Autora: Marta Conceição da Silva

Orientador (a): Kelen Conrado de Souza

FORMOSA

2011

MARTA CONCEIÇÃO DA SILVA

**A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA POR MEIO DE ATIVIDADES
LÚDICAS.**

Trabalho apresentado à Faculdade Internacional de Curitiba-
Facinter como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

FATEC/FACINTER

FORMOSA

2011

FOLHA DE APROVAÇÃO

A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS.

Autora: Marta Conceição da Silva

Orientador (a): Kelen Conrado de Souza

TCC apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista no curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Internacional de Curitiba de Pós-Graduação e Extensão-Facinter.

Aprovada em _____ de _____ de _____

Componentes da banca examinadora:

Faculdade Internacional de Curitiba

Fatec Internacional

Autor (a): Marta Conceição da Silva

Orientador (a): Kelen Conrado de Souza

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a eficácia, da intervenção para melhorar o desenvolvimento psicomotor, enfatizando a estruturação espacial em crianças na fase de alfabetização que apresentam dificuldades de aprendizagem, em especial no que diz respeito à escrita e a leitura. Para chegar a este conceito torna-se necessário definir dificuldade de aprendizagem, também denominado por alguns estudiosos como problema de aprendizagem, distúrbio, transtorno de aprendizagem ou ainda fracasso escolar como descrito por Daniela Leal e Makeliny Oliveira Gomes em Dificuldades de aprendizagem um Olhar Psicopedagógico. Pode-se perceber que para classificá-los torna-se necessário entender os termos adequados como: o que significa cada um deles? Há diferenças entre essas expressões ou são apenas sinônimos? Estas e outras questões necessitam ser esclarecidas de forma clara. Em consonância com estas ideias, mutáveis que estão profundamente conectadas com os conhecimentos demandados pela sociedade, em um período histórico específico. Uma criança que fracassa é alguém que, em determinado momento e na avaliação da escola, não consegue aprender o que a instituição espera que aprenda, necessitando de medidas concretas para corrigir a situação, isso demonstra que o fracasso não se limita apenas ao não aprender por parte do aluno, sendo também o reconhecimento ou a legitimação desse não aprender. E a instituição? Como contribui com esta não aprendizagem? Ou o sujeito não aprende ou o professor não sabe os caminhos para alcançar os objetivos pretendidos? Para responder estes questionamentos foram utilizados elementos de observação da instituição de ensino da rede pública, e entrevistas com educadores alfabetizadores.

Palavras Chaves: Mediação. Intervenção. Lúdico. Psicopedagogia.

1 Autor (A): Marta Conceição da Silva CURSO: Psicopedagogia Clínica e Institucional FTEC/FACINTER.

2 Kelen Conrado de Souza Santos – Psicopedagoga Clínica e Institucional – IBPEX; Especialista em EAD – IBPEX; Pós-graduada em Educação Infantil e Alfabetização – UTP; Pedagoga – UTP; Orientadora do Grupo UNINTER

INTRODUÇÃO

Educadores profissionais que apresentam uma dificuldade notável em compreender as fases de desenvolvimento da criança, e a criança que não Lê e escreve convencionalmente de acordo com os padrões exigidos pelas instituições, independente da sua prontidão é considerada criança com dificuldades de aprendizagem que nem sempre se caracteriza desta forma.

Para entender melhor como a criança compreende a leitura e a escrita no decorrer de sua vida escolar e como se dá o entendimento da escrita na alfabetização, resolveu-se desenvolver esta pesquisa mais profundamente baseando-se em observações e entrevistas com educadores que atuam nesta fase da educação, para entender como se dá este processo, como os educadores entendem esta fase do desenvolvimento da criança durante a alfabetização, e a importância desta base para a vida escolar da criança. Buscando um consenso nas diversas teorias existentes e contando com algumas concepções e práticas pedagógicas recorrentes na área de Alfabetização e Letramento. Ao se analisar as diversas possibilidades e aplicações das teorias de Piaget e Vygotsky, sobre a construção da inteligência na prática pedagógica e no trabalho de intervenção, realizado pelo psicopedagogo nas vicissitudes da aprendizagem, somado às descobertas da pesquisadora argentina Emilia Ferreiro, quanto à psicogênese da língua escrita, é ela quem deixa mais claro como se dá o processo da evolução da escrita da criança durante o processo de alfabetização, tornando o aprendizado mais significativo para a criança.

A alfabetização é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação. Esse processo não se deve resumir apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas da codificação e decodificação do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar e produzir conhecimentos de forma geral que atualmente tem seguido um caminho contraditório no que diz respeito ao ensino tradicional, como um processo de ensinar e aprender a ler e a escrever.

Segundo os princípios propolados por Vygotsky e Piaget, a aprendizagem se processa em uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que vive. Para melhor entender como se dá este processo de compreensão da leitura e escrita por parte das crianças no decorrer de sua vida escolar, faz-se necessário

direcionar os estudos para importância das atividades lúdicas. Uma vez que as dificuldades enfrentadas em sala de aula com alunos em fase de alfabetização, começa pelo entendimento da leitura e da escrita, para facilitar este processo e observando a sua importância na vida acadêmica as pesquisas realizadas em experiência com alguns alunos do 2º ano repetentes por dois anos vem constatar que as atividades lúdicas são essenciais para o sucesso deste trabalho.

ATIVIDADES LÚDICAS COMO FACILITADORA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

O conceito de alfabetização define o ensino/aprendizagem do sistema alfabético de escrita. Isso significa na leitura a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e na escrita, a capacidade de codificar os sons da língua em sinais gráficos.

Na década de 80, Ferreiro e Teberosky (1974 a 1976), investigaram o processo de desenvolvimento da linguagem escrita, partindo de um trabalho experimental onde defendia a idéia de que a aprendizagem da leitura e da escrita é uma aquisição conceitual, que valoriza o aspecto individual e coletivo do aprendiz. Diante disso, o que podemos perceber é que, embora haja muitas iniciativas em prol do processo de alfabetização e letramento que possibilite a verdadeira inserção do indivíduo na sociedade, tendo desenvolvido competências lingüísticas indispensáveis ao convívio social, continuará apresentando altos índices de pesquisas que concluem em seu cotidiano, o que nos deixa como alfabetizadores insatisfeitos diante desta realidade e nos faz refletir sobre as nossas práticas em sala de aula.

De acordo com Freire (1992) que propõe uma concepção de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos do termo como sonorização do texto escrito, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive. Desse modo, resulta da compreensão desses princípios que pressupõem a percepção da unicidade do fenômeno lingüístico, objetivando ao ler, falar e escrever, onde o sujeito trabalha com procedimentos da mesma natureza, ainda que alguns fiquem em evidência. Nesse sentido, torna se necessário focar na necessidade de oferecer ao aluno condições para que o mesmo amplie o domínio

da língua e da linguagem, uma vez que a aprendizagem e apropriação da mesma são imprescindíveis para o exercício pleno da cidadania.

Para Vygotsky (1993), o desenvolvimento e a apropriação da escrita se dão da mesma forma que o desenvolvimento da fala, uma vez que são consideradas habilidades diferentes. Vygotsky (1994), ainda afirma que a construção de um dos instrumentos culturais mais complexos, constituído a partir das relações sociais, pode ser viabilizada enfatizando a necessidade do ensino da linguagem escrita e não apenas da escrita de letras. Assim o pensamento e a linguagem são funções diferentes, com raízes genéticas diferentes, porém interligadas, onde pensamento e fala se cruzam no pensamento verbal, dando sentido a palavra.

A apropriação da escrita, contribui com a consciência do aluno, desenvolve habilidades e competências imprescindíveis para a inclusão social e inserção em um mundo cada vez mais competitivo e conectado com as novas tecnologias. Diante disso, o presente estudo busca uma fundamentação teórica que viabilize a prática docente em sala de aula no que diz respeito à apropriação da escrita, da prática de leitura e da produção textual. Isso se desenvolve num processo histórico cultural, somatória dos eventos psicológicos que a palavra desperta na consciência, e o significado dicionarizado de uma das zonas do sentido mais estável.

Tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, dissecá-la e reproduzi-la em símbolos alfabéticos, que devem ser estudados e memorizados antes. Da mesma forma deliberada tem que por as palavras em certa sequência, para que possa formar uma frase (VYGOTSKY, 1983, P. 85).

O processo de desenvolvimento da leitura e da escrita é a relação entre o todo e as partes que o constituem. A criança poderá fazer diferentes tipos de correspondências, ou seja, uma letra para cada parte de uma oração, uma letra para cada sílaba, e para tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, como citado por Vygotsky e Emília Ferreiro nas etapas deste processo de desenvolvimento, com o objetivo de pesquisar mais profundamente os desafios. Para sanar as dificuldades em como os professores alfabetizadores podem analisar as concepções de escrita e leitura no contexto escolar, pode-se utilizar de subsídios para analisar as crianças e poder então fazer sondagem e replanejar

utilizando a ação-reflexão-ação. Diante das concepções de análise dos níveis em que cada aluno se encontra, torna-se então possível fazer as intervenções necessárias para a formação e compreensão da leitura e da escrita de forma mais significativa para o aluno e mais interrogativa para o professor, proporcionando a construção mais significativa para o aluno e mais clara e objetiva para o educador como princípio de análise para a avaliação.

De acordo com os estudos desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky (1974 a 1976), os níveis de desenvolvimento pesquisados: Nível Pré-silábico, no início dessa construção, as tentativas da criança dá-se no sentido de reproduzir os traços básicos da escrita que elas se deparam no cotidiano; Nível silábico: são construções cuja hipótese onde a criança procura combinar de várias maneiras as poucas formas de letras que é capaz de reproduzir, e nessa fase a criança respeita duas exigências básicas, a quantidade de letras que nunca é inferior a três e as variedades entre elas não podem ser repetidas em uma tentativa de dar valor sonoro a cada letra. Esse conflito faz com que a criança se desenvolva em seu processo de alfabetização; Nível silábico-alfabético: quando ocorre a transição da hipótese silábica para a alfabética.

O conflito que se estabelece entre uma exigência interna da própria criança, o número mínimo de grafias e a realidade das formas que o meio oferece faz com que ela procure soluções, levando-a a percepção de que a escrita representa sonoramente as palavras. Nível alfabético: é quando a criança compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde valores menores que a sílaba, e que uma palavra, se tiver duas sílabas exigem dois movimentos para serem pronunciadas, necessita mais que duas letras para ser escrita e a existência de uma regra produtiva que permite através destes elementos simples, formarem uma representação de inúmeras sílabas.

Desta forma o conceito de alfabetização define o ensino aprendizagem do sistema alfabético de escrita. Isso significa na leitura a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e na escrita, a capacidade de codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos. O que se discute o processo de alfabetização é a idéia que muitos têm, é que a escola é o único e exclusivo local para o desenvolvimento desse processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Soares (1986), a escola não é única responsável pela alfabetização sempre houve uma discussão a respeito de quando e como se deve alfabetizar, é necessário ressaltar, que esta discussão não pode estar desvinculada de um contexto, de um espaço e tempo situados e muito menos desvinculados de parâmetros sociais do comportamento cultural da sociedade. A escola partindo destes pressupostos está diretamente ligada à alfabetização e automaticamente torna-se pretensiosa e responsável por este processo, uma vez que as crianças acreditam que é na escola que a alfabetização deve ocorrer. É natural para a criança conviver com a linguagem através de propagandas rótulos, programas de televisão, logomarcas e outras tantas formas de linguagem. Essas afirmações vêm de encontro ao que soares (1986), diz que entender alfabetização como um processo além da aquisição das habilidades de ler e escrever, mesmo porque esta habilidade não se inaugura nas escolas, por isto Emilia Ferreiro, tem mostrado como a criança vai construindo uma concepção da escrita, e compreendendo a natureza da escrita, como resultado do seu processo de desenvolvimento onde a escrita tem presença constante no mundo.

A aprendizagem da língua escrita é a construção de um sistema de representação onde as práticas de alfabetização sempre estiveram fortemente associadas às políticas de formação para o trabalho, especialmente nos países das Américas, cuja tradição escolar formou-se com base no entendimento de que a missão social da escola seja de preparar para o mercado de trabalho. Para tanto Freire (1992), propõe uma concepção de leitura que distancia dos tradicionais entendimentos do termo sonorização do texto escrito, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive, já Foucambert (1994, p.12) define a leitura como a formulação de um juízo sobre a escrita no ato de questionar e explorar o conhecimento de mundo.

A alfabetização não se pode fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador, isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe o meio com os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1989, p. 72).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação infantil (1998, p.22), brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento

e autonomia. Durante as brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como: a atenção, a imitação, a memória, a imaginação e algumas capacidades de socialização, que são habilidades fundamentais para a aprendizagem da criança, sendo que na maioria das vezes as crianças enfrentam dificuldades para concentração. Visando a importância do lúdico MOYLES (2002, p. 22; 29), afirma que o brincar ajuda a criança a se desenvolver com confiança em si mesma, e em suas capacidades nas situações sociais, brincar é potencialmente um excelente meio para alcançar o que se pretende o desenvolvimento da aprendizagem de forma significativa e prazerosa.

CONCLUSÃO

Durante as pesquisas para realização deste trabalho observou-se questões como o letramento, que é um contínuo da alfabetização, visto que nos dois processos o sujeito não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é quem sabe ler e escrever, e atende as demandas sociais exigidas. Isto mostra que o letramento resulta da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita, e a alfabetização, é a ação de alfabetizar, de tornar-se alfabetizado.

Desta forma para vencermos os desafios da aprendizagem deve-se proporcionar para a criança atividades que sejam significativas e prazerosas, de forma lúdica que irão contribuir para o desenvolvimento das habilidades de forma a tornar a construção do conhecimento concreta. Trata-se de propiciar um contexto favorável às atividades através das quais as crianças vão se organizando e ao mesmo tempo organizando suas idéias e compreendendo as temáticas que podem auxiliar o desenvolvimento da expressão e compreensão do mundo que os cerca, através de intervenções que estimule a curiosidade e leve o aluno a refletir sobre o seu cotidiano, e transforme este em possibilidades de leitura e escrita no seu processo de alfabetização. Para isso é imprescindível estimular a criança o tempo todo, dentro de um contexto significativo para o seu desenvolvimento sobre a construção do pensamento. Sabe-se que o processo de alfabetização não é uma tarefa fácil, para tanto, o alfabetizador deve estar mais bem preparado para lidar com os desafios propostos no dia-a-dia, e saber analisar que cada criança aprende de uma forma muito particular, respeitar a

forma de aprender do educando é um dos primeiros passos para proporcionar a aprendizagem.

A aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais, que é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações. A estrutura cognitiva do aluno tem que ser levada em conta nesse processo de aquisição do conhecimento que o aluno apresenta diante de suas limitações e particularidades.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. **Reflexão sobre a Alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, E. E TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua**. São Paulo, Cortez, 1991.

LEAL, D. **Dificuldades de Aprendizagem: um olhar psicopedagógico** Curitiba IPBEX 2011.

Referencial curricular Nacional para Educação Infantil/ Ministério da Educação e do desporto, Secretaria da Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
Volume 1: Introdução; volume 2: formação pessoal e social; volume 3.

REGO, T. C. **Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes 1997.

SANTOS, St^a. M. P. **O Lúdico na Formação do Educador**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Saraiva, 1993.